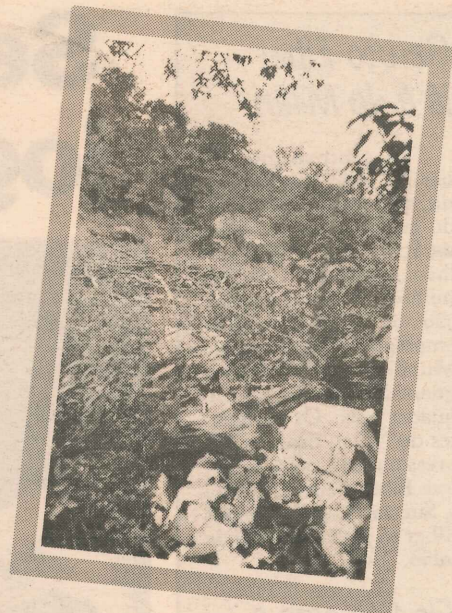


A única reserva florestal da ilha está agonizando

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

AJ00668

Cyro Denaday



Desmatamento e caça são praticados pelos predadores no Parque Estadual da Fonte Grande, próximo ao centro de Vitória e longe do alcance da fiscalização. O ITCF alega falta de pessoal

Marinete Arcanjo

Desmatamento e erosão em vários pontos, galhos de árvores quebrados, sacolas de lixo jogadas em vários trechos e mato tapando as placas informativas ao longo da estrada. Esse é o quadro de abandono encontrado na única reserva florestal dentro da ilha de Vitória, o Parque Estadual da Fonte Grande, que compreende grande parte da região montanhosa próxima ao centro da capital.

Quem segue pela estrada que dá acesso ao parque se depara com várias placas informativas como "Proibido desmatamento/lei nº 4.771 de 15 de setembro de 1965" ou "Proibido caçar/Lei nº 5.197 de 03 de janeiro de 1967". Mas se a pessoa não tiver muita atenção, corre o risco de não conseguir fazer a leitura, pois o mato quase chega a tapar as placas.

Em diversos trechos podem ser encontradas sacolas de lixo jogadas pela população e por visitantes. Em um deles há ainda troncos de árvore jogados ao chão.

Um morador próximo da região, que se identificou apenas como Rogério, afirmou que costuma ver pessoas retirarem madeira de árvores: "Como os caminhões que transportam gás não passam pelos morros, alguns moradores precisam usar lenha, que é retirada da mata", comentou.

DEPREDAÇÕES

Luiz Carlos Santana, que ontem trabalhava em obras que a



A erosão é consequência do desmatamento e mutila o pulmão verde da cidade

Telest fazia no parque, disse que já viu muitos moradores de regiões próximas, como o Morro da Piedade, retirarem madeira do parque.

Outro funcionário da Telest, que também trabalhava no local, José Roberto Soares, comentou que alguns animais da mata, como gambás (conhecidos como sarués), cobras, camaleões e lagartos, são alvos fáceis e constantes dos moradores da região.

O engenheiro agrônomo do Instituto de Terras, Cartografias e Florestas (ITCF), órgão responsável pela fiscalização do parque, Roberto Poltronieri, explicou que o abandono do local se deve à falta de pessoal.

"Nós temos apenas um guarda florestal para fazer a fiscalização na área, que tem uma extensão de 218 hectares. Temos que reconhecer que é humanamente impossível para apenas uma pessoa manter a segurança numa área dessa extensão", argumentou Poltronieri.

VIGILÂNCIA

De acordo com ele, a falta de pessoal é um problema antigo, pois desde que o parque foi criado, em 1965, o máximo de guardas que vigiaram o local por um período curto foram seis, embora sejam necessários pelo menos 10 pessoas.

A fiscalização por apenas uma pessoa, de 8 às 17 horas diariamente, está sendo feita há mais de um ano. Nos demais horários o parque fica completamente acessível às depredações. "O certo seria que houvesse uma fiscalização durante as 24 horas", acrescentou o engenheiro.

Segundo Poltronieri, o ITCF tem solicitado ao governo estadual a contratação de outros fiscais há mais de um ano, quando passou a trabalhar com apenas um guarda, o que tem sido negado até então, que alega falta de funcionários.

Poltronieri disse que o órgão precisaria de pelo menos mais 22 pessoas para conseguir manter uma boa fiscalização em todos os parques florestais do Estado, que também se encontram em estado de abandono, como a reserva de Duas Bocas, em Cariacica; Forno Grande, em Castelo; e Mestre Álvaro, na Serra.